

IV Edição do Concurso de Contos do Museu do Aljube
Resistência e Liberdade
“Coragem hoje, abraços amanhã”

Cravos Choram Sangue

Lucy Coragem

Tudo começou com desgosto, com mágoa, com convicção e com resiliência... pela respetiva ordem. Mas estou a adiantar-me, por isso, vamos apenas dizer que tudo começou com o amor de uma mãe e de uma filha.

Em tempos de repressão e de impetuosidade, ansiava-se pelo cheiro a liberdade, ou talvez seja mais simples dizer que se tratava do dia 22 de abril do ano de 1974 em Portugal. O Estado novo vigorava, ou noutra perspetiva, tremia.

Maria João, a “filha” da nossa história, tinha 25 anos. Ao contrário de sua mãe Conceição, era uma mulher que pouco se encaixava naquilo que era visto como ideal pelo regime. Muito alta, de estrutura larga... muito expressiva! Não se conformava com o silêncio da mãe, há quem diga que herdou a personalidade do pai... talvez por isso o seu aspeto mais masculino, ou a sua preferência pelo nome João, ao invés de Maria.

Conceição era mãe viúva, de carácter mais reservado, dominada pelo medo. Acreditava que a chave para o sucesso era a paciência e que a ação era a causadora da guerra. Era apologista de que o silêncio evitava conflitos e era, desde sempre, muito devota à igreja e à sua família. Conceição era então a imagem perfeita daquilo que pretendia o Estado Novo.

Nesta história de mulheres, há um grande homem que morreu tão nobre como viveu os seus últimos dias.

Afonso de Carvalho era pai de Maria João e o amor da vida de Conceição. Era um homem ousado, de espírito livre e com uma grande sabedoria... tal como a sabedoria de um velho, mas com uma alma muito menos gasta.

No dia 20 de abril de 1970, Afonso foi detido pela PIDE por posse de um pequeno rádio que apanhava uma linha de um canal clandestino, vindo dos subúrbios de Lisboa.

Motivo: “Atentado à segurança interna do estado português”. Foi levado e torturado de um modo que nenhum membro da família Carvalho poderia imaginar, mas podia ser que esta ignorância não durasse para sempre. No dia 25 de abril de 1970 foi declarado morto na prisão de Caxias, em Lisboa. O motivo dado à família foi de “morte súbita”.

Seria de esperar que, com tudo o que acontecera, Maria João ficasse intimidada pela ditadura, mas entre os sussurros daqueles que partilhavam ideias sobre o início do fim do regime, Maria João era a que se fazia ouvir mais alto.

No dia 22 de abril de 1974, Maria João saiu para o seu trabalho, mais uma vez contrariada pela sua mãe. Trabalhava numa fábrica de têxteis, juntamente com um grupo de mulheres que, clandestinamente, a poucos dias da Revolução, se preparavam para auxiliar o MFA no que fosse necessário. Uma vez reunidas, as esposas dos jovens militares preparavam alimentos e teciam fardas, João, ainda que solteira, acompanhava-as.

- Tu esqueceste-te do que se passou com o teu pai? Tu impões-te contra os homens que o calaram à força e vais fazer com que venham atrás de nós. - Disse Conceição à sua filha.

-É por isso mesmo que eu devo ir, para homenagear o meu pai. Ele estaria orgulhoso por me ver a contribuir para o lado certo da nossa história... o regime certo para o nosso país.

- Ele queria que tu vivesses, não que sofresses o mesmo destino que ele!

- Um destino que foi consequência de uma causa digna! Ele iria querer que eu vivesse para ver a liberdade.

- E que tipo de liberdade podes ver atrás das grades, dentro de quatro paredes frias... sem mim! - disse Conceição, agora com as mãos cruzadas sobre o peito.

Encostando a cabeça à de sua mãe, Maria João pronunciou as palavras que já lhe eram familiares:

- Não há nenhuma força maior que me vá afastar de ti, e eu vou voltar, eu volto sempre! Mas, por agora, tenho de ir.

O que Maria João, certamente, não entendia é que não havia nenhuma força maior que pudesse amenizar a dor a que submetia a mãe, de cada vez que saía por aquela porta. Mas, em momentos como este, a nossa luta fala mais alto que a nossa razão. Maria João foi-se embora e Conceição ficou em casa nesse final de tarde, mas não ficaria o tempo suficiente para passar lá a noite.

Eram 10 horas da noite, desse mesmo dia, quando Conceição, em passos apressados, se dirigiu para a porta de sua casa para atender as batidas estridentes. Apenas conseguiu ver dois homens à paisana que, assim que entraram a agarraram com toda a força, amarrando os pulsos atrás das costas e lhe disseram:

- A senhora Conceição Carvalho está detida por atentado à segurança interna do Estado português.

Tão familiares lhe soaram estas palavras! Eram de uma familiaridade tamanha, que Conceição não lutou contra aqueles homens. Apenas se deixou ir, mas desta vez não pensava no seu falecido marido, pensava na sua filha, foi a pensar na filha que não dormiu nessa noite, mas também não lhe foi permitido esse descanso.

Nos calabouços de Caxias, Conceição não teve tempo de ver a cor das grades. Foi despida, revistada e levada de imediato para uma pequena sala de interrogatórios, onde lhe foi apontado um foco de luz. Uma mulher, de voz grossa e rouca, interrogou-a incessantemente, exigindo que assumisse a culpa por crimes contra o Estado.

Mal sabia aquela agente da PIDE, que a única culpa que Conceição carregava consigo era a de não ter acompanhado a sua filha naquele dia.

Foi mantida em posição de “estátua” durante horas. Uma pequena necessidade de se movimentar era agora impensável e, Conceição tinha uma vontade do tamanho do mundo de sair daquele cubículo.

As mãos foram-lhe atadas com corda e elevadas contra a parede, Conceição passou a primeira noite com uma lucidez inquestionável.

Na segunda noite, do dia 23 para o dia 24, Conceição poderia vestir uma camisola e uma saia se, e apenas se, aceitasse falar.

- Conceição... parece que gosta disto! - disse a agente da PIDE, com um tom irónico - Há dois dias foi-nos reportada uma queixa sobre “a mulher da família Carvalho” que está envolvida num grupo de apoio a ideias de carácter revolucionário. Tem algo a dizer sobre isto?

- Eu não faço ideia de quem possa ter feito essa queixa! - longe dela alguma vez denunciar a sua filha - mas tenho uma certeza. Existe um lado bom nesta história, e eu estar aqui diante de vocês quase despida e amarrada... não faz de vocês esse lado bom.

- Cale-se! Continua sem responder às minhas questões e eu fui bastante clara!

- Talvez eu não tenha sido clara. Eu não tenha nada a dizer e quando isto terminar - Conceição suaviza o seu tom de voz- nas mãos da justiça vos deixo.

Nessa noite, Conceição foi espancada violentamente e arrastada para a cela.

No dia 25 de Abril, nessa mesma madrugada, Maria João saiu de casa para visitar a sua mãe na prisão de Caxias. Ao sair para as ruas de Lisboa, deparou-se com uma multidão que ia crescendo. Iniciara-se o movimento revolucionário nas ruas da cidade. Fora chamada para prestar apoio à causa por que tanto lutava, juntamente com as suas colegas de trabalho. As ruas já se adensavam de gente e ela, pensando na sua mãe, mais uma vez, não hesitou.

Nessa tarde dirigiu-se à prisão de Caxias para visitar a mãe Conceição de Carvalho. Mostrando alguma resistência, ou talvez medo, o guarda prisional, ciente de que do lado de fora daquela prisão algo se passava, permitiu a entrada de Maria João.

Encontrou a mãe pisada, com manchas de cor roxa que cobriam a parte direita do seu rosto. Conceição, porém, sentia-se bem! Ao fundo do corredor ouvia-se o relato, através de um pequeno rádio sintonizado na RCP, do que se passava no exterior. Maria João e Conceição ouviram um breve mas entusiasmante comunicado. A Revolução triunfou! O Presidente do Conselho Marcelo Caetano rendeu-se a Salgueiro Maia no Quartel do Carmo, em Lisboa, cedendo o poder ao General António Spínola.

Naquele momento, que parecia ter demorado uma eternidade para se desencadear, Maria João agarrou-se à mãe e, em lágrimas, lamentou o que lhe tinha sucedido.

Conceição não guardava ressentimentos. Foi ao entrar naquela prisão, ao viver o destino cruel do seu falecido marido, que finalmente percebeu a importância daquela batalha, o poder da voz de um povo...a grande necessidade de Maria João de honrar a memória de seu pai. Quem sabe, se os tempos fossem diferentes, talvez tivesse sido Afonso a usar o seu pequeno rádio para ouvir aquela notícia.

Na madrugada do dia 27 de Abril, a prisão de Caxias abriu as portas e os presos políticos foram libertados, entre os quais, Conceição de Carvalho.

Embora a revolução de 25 de abril tenha sido rotulada como uma revolução pacífica, nesse dia, os cravos nos canos das espingardas choraram sangue! Choraram o sangue dos oprimidos, dos manifestantes, dos prisioneiros... e Maria João chorava, agora, nos braços de sua mãe.